

Lugar e lugaridade: desafios para a celebração da fé no espaço geográfico urbano

Tarciso Botelho Pereira Filho¹

Resumo: O presente trabalho objetiva discutir o conceito de lugaridade, utilizá-lo como objeto da ação, de modo a fomentar a ação pastoral mais orgânica. A pesquisa foi qualitativa, do tipo teórico-bibliográfica. Lugaridade revela uma relação estritamente pessoal do eu com a paróquia, e praticamente desconsidera a relação da paróquia com o eu. A lugaridade é a dimensão teológico-pastoral que define o sentido de pertença à comunidade. Pode assim, representar o rosto mais próximo da sinodalidade, envolvendo o amor incondicional do eu à comunidade paroquial e a vivência do serviço e da celebração e ainda superar a pendularidade dos fiéis.

Palavras-chave: Pastoral. Pertencimento. Paroquialidade. Pendularidade. Sinodalidade.

45

1 Introdução

Durante o desenvolvimento do catolicismo no Brasil, se presenciou uma importante e significativa influência na organização espacial em razão da valorização que o sagrado impõe ao lugar. Observa-se que hoje essa relação se inverteu, nas grandes cidades é a dinâmica urbana que impõe o jeito de celebrar o sagrado. No passado os limites territoriais eram conhecidos e observados. Entretanto, o impacto da urbanização nas estruturas da sociedade impactou também a estrutura territorial da paróquia e, conseqüentemente, a prática religiosa dos fiéis.

Na lógica das grandes cidades atuais, a ligação com um lugar definitivo torna-se quase inexistente e sem importância. O que se vê diariamente é a multiplicação e intensificação dos deslocamentos diários das pessoas para acessar diversificados lugares, seja para trabalho, escola, universidade, compras ou lazer. Diante desse ambiente urbano de facilidades de mobilização, no âmbito eclesial esse fenômeno acontece analogamente. Trata-se do movimento pendular, também chamado de movimento rítmico cotidiano ou pendularidade², conforme classificou Guilherme Marini Perpétua (2010, p. 145).

Nem todos possuem um senso de pertença ao lugar de residência (CNBB, 2014, n. 37). A delimitação geográfica nem sempre resolve o problema dos vínculos comunitários. O ritmo veloz das transformações da sociedade urbana e do dinamismo

¹ Graduando em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP. E-mail: tarciso.00000030941@unicap.br

² Conforme apresentado por Eduardo Marandola Jr. e Ricardo Ojima (2014, p. 185), a expressão francesa *mouvements pendulaires* (ou *commuting* no inglês) passou a ser amplamente utilizada por geógrafos da época, como a geógrafa francesa Jacqueline Beaujeu-Garnier nos estudos de geografia da população da década de 1970, para referir-se ao vaivém (*navettes*) dentro e entre as cidades a partir do ir e vir diário.



DEUS HABITA ESTA CIDADE

Anais Eletrônicos do II Congresso Teológico de Pastoral Urbana | Recife 2026

das relações humanas, convida à separação entre a experiência de pertença à Igreja e a territorialidade, pois o fato de alguém residir num determinado espaço físico não significa, necessariamente, estabelecer vínculos com aquela realidade geográfica.

Conforme tratou o Doc. 100 da CNBB, o fiel, sob os interesses e necessidades pessoais religiosas realiza o mesmo movimento de pêndulo, quando sai do seu domicílio paroquial próprio, ultrapassando as fronteiras estabelecidas pelo Código de Direito Canônico, para participar de outra paróquia de sua escolha pessoal, que ele próprio elegeu, ao final das suas atividades, retorna ao domicílio de origem.

Claro, o fiel é livre para escolher onde deseja celebrar sua fé. Por trás dessa escolha podem estar muitas razões. Entre duas ou mais possibilidades paroquias, comunidades ou até mesmo párocos, se manifesta preferir uma, considerando-a melhor, mais adequada ou conveniente que a outra, com base em critérios objetivos ou subjetivos de julgamento. Em qualquer caso, a escolha, sempre implica consequências práticas e sutis.

Diante das várias opções oferecidas de horários, igrejas refrigeradas, pregação curta, missa de cura e libertação, nível econômico e cultural dos frequentadores, cânticos tradicionais e até mesmo estacionamento, o fiel realiza uma tarefa de síntese ainda que eles não tenham conexões entre si, ou, ainda, que sejam opostos do ponto de vista da doutrina. Mas, para o indivíduo contemporâneo, é o conjunto formado por estes vários elementos que adquire significado para ele e ainda com alta coerência entre os elementos acima citados.

Em todo caso, existem duas observações que precisam ser consideradas nessa situação. Em um primeiro cenário, que eu diria negativo, tratasse da “religião de consumo”. Há muito a paróquia urbana deixou de ser uma área geográfica, mas agora o fenômeno é ainda mais novo e desafiador. Com essa “fé à la carte” sequer conseguimos formar uma comunidade regular de fé devido a hiperfragmentação dos gostos individuais.

É comum o fiel preferir uma missa numa capelania, mas a confissão numa paróquia e a pastoral numa outra comunidade. Há quem participe de missas em diversas paróquias e não realize serviços pastorais em nenhuma. Dessa forma, o pároco se torna impotente e nenhum carisma é suficiente o bastante para costurar uma colcha com todos os paroquianos nas diversas atividades de uma paróquia. Nessa realidade de paróquia eletiva, o crente apenas deseja se conectar com o transcendente sem criar vínculo com os possíveis irmãos de comunidade.

Um segundo cenário, até positivo, tratasse da paróquia afetiva. Agora, afeto será o elemento motivador para o fiel escolher uma determinada paróquia ou comunidade para sua vivência religiosa. De acordo com Conn (2003), é comum que uma família ao



DEUS HABITA ESTA CIDADE

Anais Eletrônicos do II Congresso Teológico de Pastoral Urbana | Recife 2026

se mudar de bairro, ou seja, adquira outro domicílio paroquial, não perder a sua identidade de comunidade de origem e continue a considerar-se parte da antiga paróquia ou comunidade. Não se trata apenas do local em si, mas de um conjunto de caracteres que se somam, desde o lugar, as pessoas e o apego às memórias dos sacramentos realizados naquela comunidade específica.

Esse tipo de pertença afetiva sempre existiu. O sentimento de pertença pela paróquia de origem é inexplicável, mas ao mesmo tempo compreensível. O Celam (1982, p. 37) já apontava que o lugar de origem do fiel não é apenas o território que ele nasceu, cresceu e viveu sua vida, além de todos esses fatores importantes, esse lugar de origem carrega uma representação simbólica marcada pelo sagrado, pois foi nesse lugar que o fiel foi batizado, fez a sua primeira comunhão, foi crismado e se casou. Outros ainda, exerceram trabalho pastoral ou ministérios dentro da liturgia. O presente artigo tem o objetivo de discutir o conceito de lugaridade³, utilizá-lo como objeto da ação, de modo a fomentar a ação pastoral mais orgânica.

47

2 Lugaridade como enfrentamento aos desafios celebrativos

São muitos os desafios para a celebração da fé no espaço geográfico urbano. Dentre eles, a velocidade da informação, que pode tornar o ambiente eclesial uma realidade mutante. Na contramão da globalização, podemos ter uma paróquia altamente fragmentada, onde a união de Igreja e lugar é comprometida pela ideologia falsa do viver bem. Soma-se ainda, outras tantas realidades atuais, que se tornam desafiadoras para a Igreja cumprir sua missão num determinado lugar, como por exemplo a hiperfragmentação dos gostos individuais e o não entendimento que território paroquial onde vivem define a priori a pertença ao lugar. Essas dificuldades podem ser próprias da geograficidade⁴ urbana, mas também pode ser incrementada por uma concepção moderna de sujeito e objeto eclesiais que ainda não compreendeu a ação pastoral a partir do lugar como modo de ser paróquia ou comunidade, ou seja, lugaridade.

Uma característica desses sujeitos eclesiais é a pendularidade. A respeito dessa situação San José Prisco (2003, p. 152), no artigo "Los emigrantes en la Iglesia particular", esclareceu:

³ Segundo Luiz Carlos Schneider (2015, p. 67), o termo "lugaridade" (*placeness*) foi cunhado pelo geógrafo canadense Edward Relph, em 1976 no livro "*Place and Placelessness*". Pesquisadores da Geografia Humanista e da filosofia (fenomenologia) adaptaram o termo para nomear a essência, a autenticidade e o sentimento de pertencimento a um espaço em detrimento de sua simples localização física.

⁴ Tom Adamenas e Pires (2019, p. 17) explica que o geógrafo belga Paul Michotte usou o termo "geograficidade" (*géographicité*) pela primeira vez, em 1921, no texto *L'Orientation Nouvelle en Géographie* com um sentido epistemológico, tornando o objeto de estudo próprio da geografia. Em 1952 outro geógrafo francês, Éric Dardel, aprofundou o termo no livro "*L'Homme et la Terre*", dando-lhe um sentido ontológico. Em 1979 o francês Yves Lacoste usou a palavra para definir o campo de ação política e histórica do geógrafo.



DEUS HABITA ESTA CIDADE

Anais Eletrônicos do II Congresso Teológico de Pastoral Urbana | Recife 2026

Os detentores dessa condição pessoal reclamam uma cura pastoral estável, personalizada e comunitária, adaptada às suas características ou exigências específicas, isenta de favoritismo ou discriminação, tornando mais clara e objetiva a tutela dos seus direitos (San José Prisco, 2003, p. 152).

Os motivos subjacentes à pendularidade são múltiplos e nem todos são igualmente justificáveis. Verifica-se que as experiências religiosas em outras paróquias se dão muito mais a partir de interesses pessoais e facilidade de locomoção. Há, de fato, aqueles que desejam inserir-se na vida da comunidade escolhida, enquanto outros, apenas consideram-na como sendo uma das muitas igrejas na qual podem cumprir o seu preceito dominical.

Sobre o Documento 100, para compreender a nova visão de paróquia, tem-se quatro recomendações que Jesus deixou para seus discípulos e que ajudam a renovar-se na mentalidade e no espírito da nova paróquia: hospitalidade, partilha, comunhão de mesa e acolhida dos excluídos. “O Reino de Deus implica sempre uma nova maneira de viver e conviver, nascida da Boa-Nova que Jesus anunciou” (CNBB, 2014, p. 42-43).

A dimensão social da vida eclesial pressupõe e postula a identificação e o envolvimento do fiel com uma determinada comunidade paroquial. No entanto, a respeito da pertença a paróquia, a figura do fiel tradicional deixa de ser o padrão referencial de paroquiano, dando espaço a um novo perfil, estimulado principalmente pela geograficidade das grandes cidades. Trata-se de um novo jeito de ser fiel, o que significa uma nova relação com a paróquia. Assim, é fundamental considerar, entre uma compreensão rígida de pertença e a pendularidade dos fiéis, a afetividade do lugar como forma de favorecer a prática e as celebrações religiosas.

Lugaridades referem-se à dimensão afetiva, subjetiva e vivencial das relações do paroquiano com o espaço geográfico da paróquia, focando no lugar como espaço vivido, com memórias e identidades. É a expressão da microterritorialidade, representando o modo como indivíduos e grupos se identificam, ocupam e experimentam lugares no cotidiano, indo além da simples localização física. Lugaridade revela uma relação estritamente pessoal do eu com a paróquia, e praticamente desconsidera a relação da paróquia com o eu.

A percepção de lugaridade é vivida pelos diversos eu. É o sentimento de pertencimento do eu pela paróquia, e não da paróquia pelo indivíduo. Assim, também o termo paroquianismo, enquanto visão local dos interesses, o modo de pensar ou de proceder dos paroquianos já não são suficientes e nem dão conta de expressar a profundidade das relações que o eu nutre e vive pela comunidade paroquial, como bem assim o faz o termo lugaridade.



Lugaridade é ao mesmo tempo qualidade e ação. Qualidade quando se refere a forma do eu ser na paróquia; ação porque esse eu vai inevitavelmente paroquiar nesse lugar de identificação eclesial. Já podemos começar a vislumbrar uma diferenciação de território, territorialidade e paroquialidade.

A geograficidade da paróquia permite e favorece a vivência cotidiana do eu com a lugaridade, que expressa exatamente essa relação dialógica dos eu em movimento com a paróquia ou comunidade. Antes de querer discutir sobre diocesaneidade e paroquialidade, precisamos estudar e entender de lugaridade. A essência do território é a fronteira, o limite. Nesse contexto, a expressão mais visível da microterritorialidade é a lugaridade. É onde o conceito de afetividade aflora e o movimento pendular do fiel é finalmente superado. Enquanto paroquialidade define o estado de pertencer a uma paróquia com uma estrutura eclesial específica, a lugaridade assume a dimensão afetiva do espaço. Somente em seguida, os fiéis pensam em afinidades pastorais e litúrgicas. Fica claro assim, perceber onde a fé irá ser celebrada com mais pureza e comprometimento, fazendo brotar um engajamento que leve à plenitude de uma adesão à vida cristã.

Assim como Heidegger (2001, p. 133) afirmou que “a ponte não se situa num lugar. É da própria ponte que surge um lugar”, podemos afirmar que a paróquia surge a partir do lugar. O lugar sempre existiu. A paróquia surge em seguida. O território paroquial se desdobra a partir do lugar e da paróquia. Será a lugaridade uma categoria a ser considerada para o surgimento e manutenção de uma paróquia, involuntariamente ou não, bem como para o sucesso ou fracasso da manutenção e continuidade das celebrações litúrgicas e a vida pastoral. Sabemos que para muitos cristãos que frequentam a missa dominical, a paróquia é um espaço geral. Só quando a paróquia se reveste de significado para além de uma missa dominical, vemos a lugaridade como experiência do sujeito nesse lugar. O sentimento de pertencimento e identidade brota e troca as expressões “paróquia do bairro tal” por “minha paróquia”. Essa construção que se dá tem várias camadas e torna cada lugar único.

3 Considerações finais

Para configurar o limite territorial da paróquia, o Código de Direito canônico não segue como linha de orientação critérios subjetivos. Tais critérios seriam contrários à essência da Igreja de Cristo. Portanto, o que acaba prevalecendo no desenho da estrutura fixa é o critério objetivo, como forma de evitar um cenário elitista ou sectária, colocando em causa o caráter comunitário da comunidade.



DEUS HABITA ESTA CIDADE

Anais Eletrônicos do II Congresso Teológico de Pastoral Urbana | Recife 2026

Não obstante essas constatações, assim como existe o fiel de caráter afetivo, existe aquele de caráter pendular, que não cria vínculo com nenhuma paróquia e muito menos desenvolve sentimento de pertença. Mesmo sem assumir compromisso celebrativo, sua busca pelo culto público e pelos sacramentos, deve ser assistido.

Precisamente nestes casos, entre uma compreensão de lugaridade e a hiperfragmentação dos fiéis, a razão pessoal, não é um critério meramente subjetivo, de gosto pessoal ou de interesses efêmeros, mas são aqueles elementos históricos de valores que fundamentam a identificação do fiel com o lugar eleito e, portanto, torna aquele também objetivo.

A paróquia não é uma estrutura rígida, incapaz de se adaptar a situações novas. A paróquia, definida pela Igreja e pela história, tem pela sua própria natureza uma grande capacidade de absorver todos os tipos de fiéis, respeitando o que eles são, como querem celebrar a sua fé e em qual lugar. Principalmente porque a pendularidade tem a tendência de continuar existindo devido à crescente mobilidade da população à concentração de paróquias nos centros urbanos e a hiperfragmentação dos gostos individuais.

O desafio agora é como construir uma comunidade de fé mais estável, que se reconheça enquanto comunidade, nessa nova realidade. Poderíamos facilmente rejeitar e condenar atitudes que desconstruam a paroquialidade e a pendularidade. Não se trava a disputa por fiéis. Todos pertencemos à Igreja de Cristo que se realiza e se manifesta em uma comunidade. Mas, seria de fato a lugaridade o desejo efetivo de se tornar unidade, mesmo na diversidade.

A lugaridade é a dimensão teológico-pastoral que define o sentido de pertença, amor e compromisso do eu diocesano e paroquial com seu chão, comunidade. Pode assim, representar o rosto mais próximo da sinodalidade, envolvendo o amor incondicional do eu à comunidade paroquial e a vivência do serviço e da celebração. Na perspectiva da ação pastoral, considerando o território como categoria de ação eclesial, a lugaridade se apresenta como facilitadora da celebração dos mistérios de Cristo.

Ao contrário de algumas previsões mais pessimistas de que as igrejas estariam cada vez mais vazias quanto mais desenvolvido o ser humano estivesse, é fácil perceber que as nossas igrejas católicas estão cheias, seja por ter se reinventado em algumas situações ou seja porque se manteve exatamente igual ao de sempre. Para os que desafiam a lugaridade, o lugar de celebrar a fé não é mais monopólio da geograficidade paroquial. Esse é o grande desafio da nossa Igreja, a autonomia do fiel que faz as suas escolhas religiosas e compõe para si seu próprio universo de sentido.



DEUS HABITA ESTA CIDADE

Anais Eletrônicos do II Congresso Teológico de Pastoral Urbana | Recife 2026

Referências

CNBB. **Comunidade de comunidades**: uma nova paróquia. A conversão pastoral da paróquia, doc. 100, Brasília: Edições CNBB, 2014.

CONN, James J. Parishes-of-choice: canonical, theological and pastoral considerations. **Periodica de Re Canonica**, Roma, v. 92, n. 2, p. 257-304, 2003.

CELAM. **Pastoral y parroquia en la ciudad**. Bogotá: Celam, 1982.

HEIDEGGER, Martin. Construir, habitar, pensar. In: HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e conferências**. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 125-142.

MARANDOLA JR., Eduardo; OJIMA, Ricardo. Pendularidade e vulnerabilidade na Região Metropolitana de Campinas: repercussões na estrutura e no habitar urbano. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v. 16, n. 2, p. 185-203, nov. 2014.

PERPÉTUA, Guilherme Marini. Movimentos pendulares e acumulação do capital. Pegada - **A Revista da Geografia do Trabalho**, Presidente Prudente, v. 11, n. 2, p. 132-155, 2010.

PIRES, Tom Adamenas e. **Geograficidade**: necessidades, teorias e usos. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

SAN JOSÉ PRISCO, José. Los emigrantes en la Iglesia particular. **Ius Canonicum**, Pamplona, v. 43, n. 85, p. 135-165, 2003.

SCHNEIDER, Luiz Carlos. Lugar e não-lugar: espaços da complexidade. **Ágora**, Santa Cruz do Sul, v. 17, n. 1, p. 65-74, 2015.

